

A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados

The historical linguistics of the Indigenous languages of Brazil, by Aryon Dall'Igna Rodrigues: perspectives, theoretical models and findings

Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL (Universidade de Brasília)
Andérbio Márcio Silva MARTINS (Universidade Federal da Grande Dourados)
Beatriz Carretta CORRÊA DA SILVA (Universidade de Brasília)
Sanderson Castro Soares de OLIVEIRA (Universidade do Estado do Amazonas)

RESUMO

O presente estudo destaca da produção do linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues um dos temas que mais marcaram a sua contribuição ao estudo científico das línguas indígenas brasileiras, a pré-história das línguas Tupí. Discorreremos sobre alguns dos problemas de análise histórico-comparativa, para os quais Rodrigues desenvolveu soluções, fundamentando diagnósticos de graus de relações genéticas entre línguas, a reconstrução de partes dos sistemas linguísticos de línguas individuais e de conjuntos de línguas e, ainda, contribuindo para o desenvolvimento de modelos analíticos que descrevem a natureza e direções das mudanças ocorridas ao longo da história das línguas; consolidando, no âmbito das línguas nativas do Brasil, a funcionalidade de teorias e métodos de estudo comparativo.

Palavras-chave: *Aryon Dall'Igna Rodrigues; Linguística histórica das línguas indígenas do Brasil; Classificação genética de línguas; Reconstrução histórica.*

ABSTRACT

The present study highlights, from the production of the linguist Aryon Dall'Igna Rodrigues, one of the topics which have marked his main contribution to the scientific study of Brazilian Indigenous languages, the pre-history of Tupian language. We shall deal with some analytic problems for which Rodrigues developed solutions, and we will also focus on the reconstructions of part of linguistic subsystems of individual languages and group of languages, emphasizing Rodrigues' contribution to the development of historical analytic models consolidating the functionality of theories and methods, such as the comparative method.

Key-words: *Aryon Dall'Igna Rodrigues; Historical linguistics of Brazilian Indigenous languages; Genetic classification of languages; Historical reconstruction.*

1. Introdução

Neste volume que homenageia Aryon Dall'Igna Rodrigues, assumimos a incumbência privilegiada de por em evidência algumas de suas fundamentais contribuições que alicerçaram a história da linguística histórica das línguas indígenas brasileiras. O privilégio é duplo por termos todos sido alunos formados sob sua supervisão, orientados para atuar no campo da linguística descritiva e da linguística histórica das Línguas Indígenas do Brasil, com a responsabilidade de levar adiante seus ensinamentos no aprofundamento do conhecimento sobre a classificação genética de línguas, a identificação de graus de afinidades genéticas entre elas, a reconstrução de partes de proto-línguas, aspectos culturais da pré-história dos seus respectivos falantes, a elaboração de modelos de diversificação interna de agrupamentos genéticos, assim como a elaboração de diagnósticos de interferências externas no desenvolvimento histórico das línguas.

No convívio diário com o nosso Mestre, aprendemos, desde o início, o seu lugar de agente destacado na história da linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, naturalmente sem que ele se colocasse como tal, mesmo sendo de sua autoria a base bibliográfica fundamental do conhecimento nesse campo.

Nesta oportunidade, destacamos da produção do linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues um dos temas que mais marcaram a sua contribuição ao estudo científico das línguas indígenas brasileiras: a pré-história das línguas Tupí. Aqui vista em duas fases significativas de sua vida acadêmica, de 1942 a 1990 e de 1990 a 2012.

A primeira fase corresponde à sua dedicação à classificação genética das línguas Tupí e à fundamentação de uma hipótese de um tronco linguístico Tupí. A segunda fase refere-se à sua dedicação à reconstrução do Proto-Tupí; à fundamentação de hipóteses de proto-línguas intermediárias entre as línguas modernas e o Proto-Tupí; à fundamentação de uma hipótese genética de um sub-ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní; e à fundamentação de hipóteses sobre agrupamentos de grande profundidade temporal, como o Macro-Jê-Tupí e o Macro-Jê-Tupí-Karíb.

Aproveitamos para discorrer acerca de alguns dos problemas de análise histórico-comparativa, para os quais Rodrigues desenvolveu soluções, fundamentando diagnósticos de graus de relações genéticas entre línguas, a reconstrução de partes dos sistemas linguísticos de línguas individuais e de conjuntos de línguas e, ainda, contribuindo para o desenvolvimento de modelos analíticos que descrevem a natureza e direções das mudanças ocorridas ao longo da história das línguas; consolidando, no âmbito das línguas nativas do Brasil, a funcionalidade de teorias e métodos de estudo comparativo.

Este estudo, focaliza, portanto, apenas alguns pontos da abastada contribuição de Rodrigues aos estudos histórico-comparativos das línguas nativas do Brasil. Nosso ponto de referência é unicamente a sua trajetória no desenvolvimento de sua hipótese de um tronco linguístico Tupí.

2. A hipótese de um tronco linguístico Tupí: Aryon Dall'Igna Rodrigues (1940-1990)

A vocação e gosto do Prof. Aryon Dall'Inga Rodrigues pelos estudos histórico-comparativos já desponta quando ele ainda é um jovem estudante ginasial. Em 1940 aos 15 anos de idade, cursando a segunda

série do ginásio, publicou o pequeno texto “Diferença entre as línguas tupí e guaraní”¹, um breve ensaio do que viria a se tornar a maior de suas paixões, a linguística histórico-comparativa das línguas indígenas do Brasil. Nesse seu primeiro artigo de natureza comparativa, apresenta indicações lexicais e fonológicas que distinguem as duas línguas, dentre as quais “o nome da grande cobra por nós conhecida por ‘sucuri’, no tupí é *cicurijú*, ao passo que no guaraní é *curijú*, e que o *ç* ou *s* tupí, é substituído por *h* aspirado em guaraní”. Rodrigues, além da vocação inata para a linguística, contou importantemente com ensinamentos e estímulo do seu mestre, o único e grande linguista brasileiro da época com conhecimento profundo do Método Histórico Comparativo, o Prof. Rosário Farani Mansur Guérius, que logo percebeu no jovem Rodrigues sua aptidão para a Linguística, reconhecendo nos seus primeiros escritos “a realidade futura de um valoroso americanista”².

Em 1942, aos 17 anos de idade e ainda ginásiano, Rodrigues publica “Um aspecto da evolução fonética na família Tupí-Guaraní”, título que evidencia a sua prematura maturidade no domínio do Método Histórico Comparativo. Nele, Rodrigues dá a sua primeira aula de linguística histórica, onde constata que os “estudos tupinológicos

1. Ginásio Paraense-Externato, 1940, p. 4.

2. Mansur Guérius, em nota de pé da página do primeiro artigo publicado por Rodrigues em uma revista científica, “O artigo definido e os numerais na língua Kirirí: Vocabulários Português-Kirirí e Kirirí-Português” (Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba 2:179-212, 1942), diz o seguinte:

É com prazer que apresento aos leitores dos “Arquivos” o nome do jovem Aryon Dall’Igna Rodrigues, meu aluno que foi no Ginásio Paranaense, e meu discípulo nos estudos linguísticos e especialmente de glotologia americana. Já publicou no “Ginásio Paranaense — Externato” os seguintes ensaios: “Diferença entre as Línguas Tupí e Guarani” (7-940), “Língua Brasileira” (8 e 9-940), “Os Nomes do Rio Amazonas” (10 e 11-940), “Idiotismos da Língua Tupí” (4-941), e “A Influência Portuguesa na Sintaxe Nheengatú” (11-941). Trabalhos breves, não há dúvida, mas em que se entrevê a realidade futura de um valoroso americanista. O presente estudo — “O Artigo Definido e os Numerais na Língua Kirirí” — já demonstra a firmeza e a probidade de suas análises e conclusões. Da “Gramática Kirirí” do Pe. Mamiani elaborou, por ordem alfabética, para seu uso, os vocábulos aí espalhados, e teve a gentileza de tirar uma cópia para mim. Foi então que tive a ideia da publicação desse vocabulário nos “Arquivos”. Pedi-lhe que organizasse a parte kirirí-portuguesa, prontificando-se de boa vontade, prestou assim relevante serviço ao indianismo nacional. Saberão estimar o valor deste trabalhoso mister, principalmente os comparativistas, e, então, o seu organizador sentir-se-á bem compensado, por ter-se tornado muito útil à ciência. R. F. MANSUR GUÉRIOS, assistente de Linguística no M. P. (Silva e Lopes 311:13-14).

ainda não se firmaram definitivamente”, e que há pequena quantidade de estudos glotológicos no Brasil, onde prepondera o desconhecimento sobre estudos dessa natureza. Fundado nas ideias do seu mentor, Rosário Farani Mansur Guérios, explica, com a fluente didática que impingiu à sua longa prática docente, o significado de uma protolíngua e de um tronco linguístico:

O *Proto-Tupí-Guaraní* ou *Tupí-Guaraní comum* é a língua que falava um tronco tribal que, vários séculos antes da chegada de Colombo ao continente americano, estava estabelecido na região que fica entre os rios Paraná e Paraguai; é “um estado linguístico homogêneo ou mais ou menos tal; é a primeira estratificação, a qual comporta particularidades linguísticas entrevistas antes da época histórica, i.e., antes dos fracionamentos dialetais”, na definição do ilustrado linguista patricio Prof. Mansur Guérios, que é o introdutor dos nomes *Proto-Tupí-Guaraní*, *Proto-Tupí* e *Proto-Guaraní*, ou *Tupí-Guaraní comum*, etc., na glotologia americana. (Rodrigues, 1942:18)

Nesse artigo, Rodrigues mostrou pela primeira vez que os vocábulos dos dialetos do Proto-Tupí nos séculos XVI e XVII, *dialetos Tupí antigos*, não eram verdadeiramente *paroxítonos* e sim vocábulos *oxítonos*, mas que se tornavam paroxítonos “pela afixação de partículas (ou índices) vocálicas, monossilábicas e átonas, à consoante final, como, p. ex.: *potár*: *potarĩ*, *poráng*: *poránga*, *piním*: *piníma*, *küsáb*: *kusabã*, *úbi*: *ubã*, *páb*: *pábi*: *pábã*, *úr:úri*: *úra*, etc.” Por outro lado, demonstra que no *Guaraní antigo*, esses vocábulos, “quando isolados, apresentam-se sem a consoante final e, por conseguinte, oxítonos”, mas quando em composição, “diante de vogais, deixam aparecer a consoante final, tanto que o Padre Montoya, para distinguir esses vocábulos que terminam verdadeiramente em vogal tônica, convencionou escrever a consoante final separada da vogal tônica por um ponto, como, p. ex.: *yú.r*, *tu.b*, *mẽ.n*, *oquẽ.n* e *cheroquẽna*, *cã.m*, *mĩmbi.g*, *mandió.g* e *mandió* (*apecûe*), *panẽ* (: *panẽmi*), etc.

Essa comparação o leva a propor as suas primeiras reconstruções do Proto-Tupí-Guaraní e a depreender dos dados comparados as leis fonéticas atestadas na história de cada uma das línguas. Identifica, assim, as seguintes leis fonéticas na evolução do *Proto-Tupí-Guaraní* para o *Proto-Guaraní* e dialetos *Guaraní modernos* (Avanheém) e para o *Proto-Tupí* e dialetos *Tupí modernos* (Nheengatú):

1º) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí-Guaraní conservaram-se no Proto-Tupí; 2º) as consoantes finais de sílabas tônica (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí tornaram-se mediais nos dialetos Tupí modernos (Nheengatú), pelo desenvolvimento ou acréscimo de uma vogal breve (-ă, -ĕ, -ĩ); 3º) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí-Guaraní desapareceram nos dialetos Guaraní modernos (Avanheém); esta última lei, no século XVII (quando foi registrado o Guaraní por Montoya), estava em pleno dinamismo, motivo por que se depara na obra do Padre Montoya o emprego mais ou menos arbitrário das formas com consoante final e sem consoante final.

Na nota de roda pé de n. 7, Rodrigues faz a importante observação sobre a perda semântica e afixal do índice -ă, na passagem do Tupí Antigo para o *Nheengatú*, o que reflete o profundo grau de conhecimento da gramática das línguas Tupí-Guaraní e das mudanças históricas, não apenas fonéticas, mas também gramaticais que haviam ocorrido na história das línguas daquela família, conhecidas até então.

A concepção de um agrupamento genético Tupí-Guaraní ou Tupí

Os primeiros trabalhos histórico-comparativos de Rodrigues são construídos na tradição dos estudos tupinológicos classificatórios, os quais, até o final da década de 1950, assentavam-se na ideia de uma família linguística Tupí-Guaraní, cujos ancestrais mais remotos teriam sido, o Tupí Antigo e o Guaraní Antigo, sendo as demais línguas a apresentarem correspondências com estas, suas descendentes. É essa a ideia que subjaz aos primeiros estudos comparativos de língua Tupí, como *Glossaria Linguarum Brasiliensium* de autoria de von Martius (1867), em que são reunidas sob o rótulo de *Lingua tupí. Dialect variae*, glossários de sete línguas - Nheengatu (falado no Pará), Apiaká, Cayowá, Omágua, Mundurukú, Língua Geral Brasileira (Língua Geral Amazônica) e Tupí-Austral (Língua Geral Paulista). Martius incluiu sob o rótulo de Tupí a língua Mundurukú, mas também duas outras línguas não-Tupí, a língua Mura (fam. Mura-Pirahã) e a língua Araquajú ou Uara-guaçú. Martius (op cit, p. XII-XIII) observa que:

As palavras que Estácio de Sá e Salvador Correia tinham ouvido em 1560 na Bahia do Rio de Janeiro da boca dos Tamoios, ou em 1556, quando o infeliz Bispo do Brasil fica a mercê, na Baía da Traição dos seus matadores, os ferozes Cahetés, soaram mui diferentes da linguagem usada pelos Tupis do nosso tempo. Assim se explica também pela continuada volubilidade destes idiomas o caráter variado, que a língua Geral apresenta nas províncias do sul e paizes limitrophes e nas do Norte (...) Considerando esta grande volubilidade da linguagem dos antigos Tupis e a extensão que ella tinha adquirido, parecia conveniente reunir as diversas listas de vocabulos ou dictionarios della, que pude procurar-me, e sua publicação se recomendou entre outras rasoes pela raridade de escriptos de semelhante assumpto.

Outro estudioso da época a classificar as línguas Tupí foi Daniel Garrison Brinton, que em sua obra *The American Race* (1891) propõe uma família Tupí situada dentro da região Amazônica, onde também se encontram outras famílias como Tapúya, Arawák e Karíb. Sua classificação de 1891, muito embora se pretenda genética, ampara-se em uma orientação geográfica, o que é perceptível em alguns trechos do seu estudo:

The general plan which we shall adopt here is rather for convenience of arranging the subject than for reasons based on similarities either of language or physical habitus. It is that which allows the presentation of the various stocks most *in accordance with their geographic distribution* and their historic associations. (Brinton, 1891: 171; grifos nossos)

E esses critérios se refletem nos próprios rótulos que dá aos seus agrupamentos – “Pampean-Race” e “Ando-Peruvian Race” –, por exemplo. Sua classificação, portanto, assim como a maioria das classificações da época caracterizam-se como classificações gerais das línguas ameríndias.³ Seu Tupí Linguistic Stock (1891: 235-6), que segue a tradição tupinológica da época, de uma família Tupí diversificada a partir do Guaraní e do Tupí, inclui as línguas Yuruna, Mawés, Manitsawá e Mundurukú. Suas bases geográficas induzem à inclusão

3. Brinton (1891: 170-171) reconhece que se baseia nos “três campos especiais” propostos por M. Lucien Adam (1896), ou seja, os três maiores agrupamentos genéticos da América do Sul: Tupí, Karíb e Arawák.

de línguas que mais tarde seriam comprovadamente pertencentes a outros agrupamentos genéticos, como são os casos do Bororo, do Tapaiuna e do Mura.⁴

Lucien Adam (1896) em seus *Materiaux pour l'établissement d'une Grammaire Comparée de la Famille Tupí-guarani* apresentou pela primeira vez um estudo classificatório da família Tupí-Guaraní, fundado no Método Histórico-Comparativo, mas cuja tentativa de agrupamento das línguas, segue da mesma forma que os trabalhos precedentes, critérios geográficos. Sua classificação é a seguinte: I- Abañeênga do Sul – Guaraní Antigo, II- Abañeême – Guaraní Moderno, III- Abañeênga do norte – Tupinambá, IV – Ñeêngatu, V– Outro dialetos – Apiaká, Kaiowá, Wayampí, Emérillon, Omágua, Kokáma e Chiriguano.

Os primeiros estudos classificatórios das línguas Tupí do século XX, continuam fundados na ideia que se firmara no século precedente de que o centro de dispersão Tupí-Guaraní teria sido (provavelmente) a região compreendida entre o Paraná e o Paraguai, e a sua diversificação teria sido resultante de correntes migratórias.

Rivet (1924, p. 687), postula três correntes migratórias, caracterizando a distribuição geográfica dos povos Tupí, as quais reproduzimos, abaixo:

1ª corrente migratória: depois de ter atingido o Atlântico, teria seguido pela costa brasileira até atingir a embocadura do Amazonas, percorrendo, em seguida, o grande rio até as suas cabeceiras.

4. Tupí Linguistic Stock, segundo Brinton (1891): Ababas, in Bolivia. Amazonas, on lower Amazon. Anambes, on Rio Tocantins. Apiacas, near Rio Arinos and upper Tapajoz. Araguaus, on lower Paru. Bororos, near Rio Paraguay. Gamaguras, in province Matogrosso. Cambevas, see Omaguas. Cambocas* mouth of Rio Tocantins. Caracatas, on upper Uruguay and Parana. Cayovas, on Rio Tapajoz. Chanesses, in Bolivia. Chiriguanos, in Bolivia. Chogurus, on Rio Pajehu. Cocamas, near Rio Nauta (upper Amazon) and Rio Ucayali. Cocamillas, near the Cocamas. Cuchiuaras, on Rio Tocantins. Guaranis, in Uruguay. Guarayos, in Bolivia. Guayanas, in Uruguay. Gujajaras, on Rio Maranhas. Jacundas, on Rio Tocantins. Jamudas, in province Pard. Maues, on the Amazon. Mbeguas, on Rio Parana. Manitsauas, on upper Schingu. Mitandues, near Rio Tapajoz. Mundrucus, on Rio Tapajoz. Muras, on Rio Madeira. Omaguas, on lower Iça. Oyampis, on upper Oyapok. Pacajas, on lower Amazon. Parentintims, in province Amazonas. Paris, see Mnuandrucus. Piturunas, on Rio Curitiba. Sirionos, on Rio Paray, Bolivia. Tamoyos, near San Vincente, Brazil (extinct). Tapaunas, on Rio Tocantins. Tapirapes, in province Goyaz. Tapes, on Rio Uruguay. Turas, on lower Rio Madeira. Uyapas, on Rio Arinos. Yurunas, on Rio Schingu, from 4° to 8°.

Rivet (1924:688-692) considera cinco grupos reminiscentes dessa migração: (a) o dos povos que viviam na parte meridional do baixo Amazonas, dentre os quais os Amanajé, os Ararandewára, os Ananbés, os Tembé, os Pakajá, os Anta e os Jacundá; (b) os povos Tupí-Guaraní do Xingu, representados pelos Jurúna, Xipáya e Manitsawá; (c) os povos da bacia do Madeira – os Parintintin, Kawahíb ou Kawahíwa, os Rama-Rama ou Ytangá, e seus parentes os Yntogapíd do Alto Madeirinha, um afluente do Roosevelt⁵; (d) um grupo mais ocidental integrado pelos Omágwa, Kokáma, Kokamilla e Jurimágwa, mas relacionados aos Wayampí e Emérillon; (e) um grupo do Tocantins representado pelos Tapirapé, Guajajára e os Canoeiros, este, segundo Rivet (1924), relacionado às línguas do sul; (f) o grupo do Xingu, representado pelos Awetý, Kamayurá, Xipáya, Manitsawá, Jurúna e Takunhapé, um grupo localizado na bacia do Madeira, representado pelos Rama-Rama ou Ytangá do rio Machadinho e os Ntogapíd do alto Madeirinha, afluente do Roosevelt, e os dois grupos de Parintintín ou Kawahíwa (os Kawahib-Tupí e os Kawahib-Wirafed) como línguas da bacia do Madeira⁶.

2ª corrente migratória: oriunda do Paraguai, teria se estabelecido na bacia do Tapajós, representada pelos Apiaká, os quais são relacionados aos Mundurukú e aos Mawé. Rivet (1924) observa que os Kuruáya, embora localizados no Xingu, relacionar-se-iam a esse grupo.

3ª corrente migratória: teria também partido do Paraguai, mas pelo Chaco, e seria representada pelos Chiriguáno, Tapiéte, Guaráyo, Sirionó e Pauserna.

Outra proposta de agrupamento Tupí é a de Nimunedajú (1944), fundada na mesma ideia de seus predecessores de um agrupamento genético Tupí-Guaraní. Ao opinar sobre a origem genética do Jurúna, por exemplo, deixa claro que a referência primeira do seu agrupamento Tupí é o Tupinambá:

5. É interessante a observação de Rivet (1924) de que o Parintintín “fala um dialeto tupí-guaraní muito puro”, ao contrário do Rama-Rama e seus parentes “que falam um dialeto guaraní muito alterado”, que teria sido influenciado por línguas da família Katukína. Rivet sugere que mais estudos devem ser realizados para comprovar o parentesco.

6. Rivet (1924) qualifica as primeiras como línguas Guaraní muito alteradas e o Parintintín, como Tupí-Guaraní puro.

Martius (1867) e Lucien Adam (1896) desafiam o parentesco Tupí do Juruna, mas Nimuendajú (1944) ressalva que “closer study leds me to the provisional conclusion that Yuruna Shipaya, Manitsawa, and perhaps Arupai form a special division of impure Tupí Language”.

A ideia de línguas Tupí impuras, reiterada por Nimuendajú (1944), era a de que as línguas que se distanciavam do Tupianmbá ou do Guaraní seriam, portanto impuras. Na realidade, o pressuposto sobre o qual a ideia de línguas impuras se assentava era o do caráter misto, mesclado ou misturado das línguas que se distanciam de uma suposta pureza original do Tupinambá e do Guaraní.

Loukotka (1968), na versão final de sua classificação das línguas indígenas sul-americanas segue uma classificação geográfica do tronco Tupí, subdividindo-o em 19 grupos (rotulados de *a* a *s*).

Mason (1950:236) também adota a visão de que a terra original dos Tupí teria sido a região Paraguai-Paraná e que, a partir de lá teriam proliferado. Para Mason (1950), a família Tupí-Guaraní possui dois ramos principais, o Tupí e o Guaraní, e línguas como Tembé, Apiaká, Kamayurá, Mundurukú, Mawé, Jurúna, Xipaya e Manitsawá, por exemplo, são consideradas como pertencentes a ramificações do Tupinambá, enquanto línguas como Awá Canoeiro, Tapirapé, Guraní Paraguaio, Siriono, entre outras, são consideradas como ramificações do Guaraní.

Este era o quadro geral das classificações das línguas Tupí até a década de 1950.

A contribuição de Rodrigues

Em 1955, depois de 15 anos debruçado sobre dados de várias línguas indígenas brasileiras, com contribuições fundamentais para o conhecimento linguístico gramatical de línguas Tupí-Guaraní (Rodrigues, 1944; 1945; 1947; 1950; 1951a; 1951b; 1952; 1953a, 1955a, 1959) e Macro-Jê (1942, 1948, 1953b), assim como para os estudos linguísticos genéticos (Rodrigues, 1944; 1945), Rodrigues, em 1955b publica nos Anais do Congresso Internacional de Americanistas de São Paulo, “As línguas impuras da Família Tupí-Guaraní”.

Este é o primeiro estudo histórico-comparativo que lança as bases para outra concepção de agrupamento genético Tupí-Guaraní, excluindo deste algumas das línguas consideradas até então como línguas Tupí-Guaraní impuras (cf. Nimuendajú, 1948a, p. 214; Loukotka, 1950a, p. 26), mas lhes conferindo o estatuto de constituintes de famílias independentes, embora relacionadas geneticamente no âmbito do tronco linguístico Tupí. É a partir desse estudo que a expressão “Tronco Tupí” passa a significar um agrupamento genético constituído internamente de famílias linguísticas, tendo por ancestral o Proto-Tupí e não mais o Proto-Tupí-Guaraní, como se acreditara, até então. Nele, Rodrigues, lança mão da estatística lexical e das 200 palavras do vocabulário não-cultural de Swadesh (1952, 1955) para desenvolver um minucioso trabalho estatístico de cálculo de percentagens de cognatos entre línguas. Essa percentagem se referencia na escala de graus de parentesco genético, também proposta por Morris Swadesh, por meio da qual se distinguem três níveis de relações genéticas: família, tronco (stock) e phylum. Rodrigues compara dados de línguas consideradas como impuras - *Yuruna*, *Xipaya*, *Manitsawa* e *Kuruaya* da bacia do Xingu; *Mundurukú* e *Mawé* da bacia do Tapajós; *Arikém*, *Makurap*, *Karitiana*, *Kepkiriwat*, *Mondé*, *Sanamaikã*, *Ntogapíd*, *Ramarama*, *Urumí*, *Puruborá* da bacia do Madeira – e de línguas consideradas “puras” - Tupí Antigo, Wiraféd e Pauserna. As conclusões de Rodrigues são as seguintes:

Aplicando a escala de Swadesh (1952) às percentagens de elementos comuns entre as diversas línguas “impuras” das bacias do Xingu, do Tapajós e do Madeira e a três línguas “puras” da família *Tupí-Guaraní*, conclui-se que:

a) o *Mawé*, o *Kuruaya* e o *Mundurukú* pertencem à mesma família que o *Tupí*, o *Wiraféd* e o *Pauserna*, portanto à família *Tupí-Guaraní*;

b) a afinidade do *Mawé* com as línguas “puras” da família *Tupí-Guaraní* é algo maior que a do *Kuruaya* e do *Mundurukú* com essas mesmas línguas; e é também maior que a do *Mawé* com o *Kuruaya* e o *Mundurukú*;

c) o *Kuruaya* e o *Mundurukú* são tão estreitamente afins quanto o são, entre si, as línguas “puras”, i.e., as do tipo *Tupí*

d) constituem outra família o *Yurúna*, o *Xipáya* e o *Manitsáwa*, a qual podemos chamar *família Yurúna*; esta tem parentesco em nível de tronco (stock) com a família *Tupí-Guaraní*;

e) uma terceira família é constituída pelo *Arikém*, o *Karitiana*, o *Makurap*, e talvez, também pelo *Kabiiiana*; esta família, que podemos chamar *família Arikém*, apresenta relações de tronco com as famílias *Tupí-Guaraní* e *Yurúna*;

f) uma quarta família é constituída pelo *Ramarama*, o *Ntoqapíd* e o *Urumí*, a qual podemos chamar *família Ramarama*; o *Ntoqapíd* constitui forma dialetal do *Ramarama*, o que não se dá com o *Urumi*;

g) a família *Ramarama* apresenta relações de tronco com as famílias *Tupí-Guaraní*, *Yuruna* e *Arikém*;

h) *Mondé* e *Sanamaikã* são a mesma língua; esta língua, para a qual escolhemos o nome *Mondé*, não denuncia relação de família com nenhuma das outras línguas estudadas, mas tem relações de tronco com tôdas elas;

i) o *Kepkiriwat* também não mostra afinidade de família com nenhuma das línguas estudadas, mas apresenta igualmente relações de tronco com tôdas elas;

j) o *Puruborá* talvez tenha parentesco de tronco com as demais línguas estudadas.

É nesse estudo que Rodrigues lança a sua hipótese de um tronco Tupí, distinta das hipóteses anteriores, as quais indistintamente chamavam de família Tupí-Guaraní ou de tronco Tupí, o mesmo agrupamento genético, dividindo-o em dois ramos principais, o Tupí e o Guaraní. A partir de então se concebe um tronco Linguístico Tupí constituído das famílias linguísticas Tupí-Guaraní, Arikém, *Ramarama* e línguas *Mondé*, “e, talvez, *Puruborá*, estas últimas isoladas quanto à situação familiar; poderíamos chamar *tronco Tupi* a êsse grande conjunto de línguas com afinidade genética” (Rodrigues, 1954).

Nesse estudo pioneiro, Rodrigues (1954), além de adotar a metodologia de medição estatística de graus de relacionamento a partir de formas cognatas, descreve as correspondências fonéticas e, nos

casos em que os dados permitem, põe em evidência correspondências morfológicas.⁷

Em 1956, no Congresso Internacional de Americanistas seguinte, em Copenhague, Rodrigues consolida sua hipótese de um tronco linguístico Tupí (cf. Rodrigues 1958a, 1958b). Tece, em Rodrigues (1958a), fortes críticas às classificações fundadas em critérios geográficos e linguisticamente inconsistentes de Mason (1950)⁸ e de McQuown (1955)⁹, e chama a atenção para o seu trabalho de 1956, ignorado por McQuown, enfatizando que:

My own classification of Tupí-Guaraní (given at the 32nd International Congress of Americanists, Copenhagen, 1956) differs in many particulars from that offered by Mason and McQuown. I have put forth a Tupí stock composed of several families, one of which is Tupí-Guaraní proper. This stock is more inclusive than the Tupí-Guaraní family of Rivet, Loukotka and Mason-McQuown. (Rodrigues 1958a:233)

Embora os critérios usados por Rodrigues no seu trabalho de 1956, publicado em 1958a e 1958b, fossem principalmente lexicais, evolui significativamente desde a sua versão inicial de um tronco Tupí, apresentada em 1955. Em Rodrigues (1958a), deixa claro ter omitido algumas línguas comumente consideradas parte desse agrupamento por não ter realizado um exame profundo dos seus respectivos dados e, admite que, como uma primeira tentativa, sua classificação está certamente sujeita a melhoramentos (1958a:233). A sua hipótese aprimorada de

7. “Êsses resultados demonstram que o *Arikém* não pertence à família *Tupí-Guaraní*, mas que faz parte do mesmo *tronco* ou *stock* a que ela se filia” (Rodrigues, 1954:10066). Elementos comuns entre o *Arikém* e a família *Tupí-Guaraní*, de natureza gramatical, são os seguintes: Ar *mu-* Tu *mo-* ‘causativo’; Ar *-aba* Tu *-ab*, Ma *-h-ab*, Mu *-ap* ‘circunstância de lugar’; Ar *-ara* Tu *-ar*; Ma *-h-ad*, Mu *-at* ‘agente’; Ar *u-* Ma *u-*, Ku *u-*, Mu *u-* ‘1’; Ar *a-* Tu *e-*, Ma *e-*, Ku *e-*, Mu *e-* ‘2’; Ar *i-* Tu, Ma, Ku ‘3’; Ar *ta-* Ku *te-* ‘3’; Ar *uis-* Ku, Mu *weí-* ‘12/13’; Ar *ai-*, *ais-* Ma, Ku, Mu *ei-* ‘23’.

8. Para Rodrigues, a classificação de Mason não é linguística, mas meramente geográfica.

9. Uma das principais críticas de Rodrigues à classificação de McQuown é “the distribution of all Tupí-Guaraní languages in two great divisions, Tupí and Guaraní.” Rodrigues argumenta que, uma vez que Tupí e Guaraní (i.e., Tupinambá e Guaraní Antigo) são muito próximas uma da outra (com 90% de vocabulário comuns na lista de 200 itens lexicais Swadesh), “it is evident that they cannot give the key for the bipartition of the totality of languages involved in this large and higher differentiated linguistic stock.”

constituição interna de um tronco Tupí, apresentada em Rodrigues (1958a:234-235) é a seguinte:

A. Tupí-Guaraní

a. 1. Tupí-Guaraní: α . Tupí (i. Tupinambá or old Tupí, ii. Ñeengatú or Modern Tupí); β . Guaraní (i. Old Guaraní, ii. Avañeẽ or Modern Guaraní); γ . Kaiwá (i. Apapokuva, ii. Mbiá); δ . Čiriguano; ϵ . Tapieté; ζ . Izozó (Čané); η . Guarayú.

a. 2. Tenetehara: α . Tembé; β . Gwažazara; γ . Urubú; δ . Manazé;
 ϵ . Turiwara;

ζ . Anambé.

a. 3. Oyampí: α . Oyampí; β . Emérillon.

a. 4. Kawaíb: α . Wirafed; β . Pawaté; γ . Parintintin.

a. 5. Apiaká.

a. 6. Kamayurá.

a. 7. Awetí.

a. 8. Tapirapé.

a. 9. Šetá (Aré).

a. 10. Pauserna.

a. 11. Kayabí (?)

a. 12. Canoeiro (Abá) (?)

a. 13. Takuñapé (?)

b. 1. Kokama: α . Kokama; β . Kokamilla.

b. 2. Omagua.

c. Guayakí.

d. Maué.

e. 1. Mundurukú15

e. 2. Kuruaya.

f. Sirionó (?)

B. Yuruna

a. 1. Yuruna.

a. 2. Šipayá.

b. Manitsawá.

C. Arikem

1. Arikem.
2. Karitiana.
3. Kabišiana (?).

D. Tuparí

1. Tuparí.
2. Guaratégaya (Koaratira, Gauratira, Amniapé, Mequéns, Kanoé)
3. Wayoró: α . Wayoró (Ayurú); β . Apičum.
4. Makurap.
5. Kepkiriwat.

E. Ramarama

1. Ramarama: α . Ramarama; β . Ntogapid.
2. Urukú
3. Urumí
4. Arara

F. Mondé

1. Mondé: α . Mondé; β . Sanamaikã (Salamã).
2. Digüt.
3. Aruá: α . Aruá; β . Aruáši.

G. Puruborá.

A hipótese de um tronco Tupí, agora constituído de sete famílias, aproxima-se cada vez mais de um modelo arbóreo mais representativo da diferenciação que sofreu o tronco Tupí na história de sua diversificação interna. É notável que Rodrigues, já naquela época, ainda com tão poucos dados, tenha percebido o distanciamento de pequenos grupos de línguas, como o grupo Kokáma, Omágwa e Kokamilha, o grupo Mundurukú e Kuruáya, o Sirionó, o Guayakí, e o Mawé, em relação às línguas da família Tupí-Guaraní. Por outro lado, ainda não havia identificado as diferenças entre o Awetí e as línguas Tupí-Guaraní, propriamente ditas.

No mesmo ano, Rodrigues, Hanke e Swadesh (1958) publicam “Notas de fonologia Mekéns”. Este é o primeiro estudo em que Rodrigues diagnostica as relações genéticas de uma língua antes desconhecida, a partir de dados inéditos : “O Mekéns é uma língua do grande tronco (stock) Tupí e relaciona-se com oTupí (Tupinambá), não como o Português com o Francês senão antes com o Russo com qualquer desses dois.” Nesse estudo, Rodrigues *et al.* reiteram que “o tronco linguístico Tupí distingue-se da família Tupí-Guaraní, a mais ramificada divisão, cuja multiplicação é devida, por sua vez, a uma série de dispersões posteriores”. Os autores apresentam uma versão do tronco Tupí ligeiramente distinta do apresentado em Rodrigues (1958a e 1958b), com uma família chamada de Mekéns em vez de Tuparí.

Em *Classificação do Tronco Linguístico Tupi* (1964)¹⁰, Rodrigues privilegia uma discussão sobre as vantagens do método lexico-estatístico que vinha utilizando desde 1954, e as deficiências das metodologias utilizadas em classificações feitas por outros estudiosos que levaram a diagnósticos insustentáveis, como os empreendidos por Chestmir Loukotka. Rodrigues ressalta que Loukotka baseou-se em uma lista de apenas 45 vocábulos “típicos”, incluindo vocábulos “culturais”, enquanto ele, Rodrigues, fundamentara-se na lista de 200 palavras usadas sob condições favoráveis, mas em caso de materiais escassos fizera uso de listas de menos de 100 palavras. Para Rodrigues, Loukotka procura os elementos estranhos, enquanto ele se preocupa em encontrar cognatos no sentido histórico. Rodrigues é enfático em defender uma metodologia que diagnostique com clareza os diferentes graus de relações genéticas entre línguas:

Outra medida metodológica que também queremos salientar aqui e que pertence ao método léxico-estatístico de Swadesh é a distinção de determinados graus de parentesco linguístico. As classificações de Rivet e Loukotka agrupam as línguas em “famílias”, mas não estabelecem o âmbito de cada família, ou seja, não mostram quão diferentes duas línguas podem ser, sem que devam ser classificadas em duas famílias distintas. Para isso seria necessário limitar o âmbito das famílias. É óbvio que os supostos limites não podem ser rígidos e devem ser estabelecidos mais ou menos empiricamente e em parte até

10. Publicado originalmente em Alemão, Die Klassifikation Des Tupi-Sprachstammes. In: International Congress of Americanists, 32, 1958. *Proceedings*. Copenhagen. p. 679-684

arbitrariamente; do ponto de vista metodológico, entretanto, tais limites são muito importantes, uma vez que permitem melhor agrupamento linguístico dos idiomas.(Rodrigues 1964:100)

Nesse estudo, Rodrigues faz considerações de fundamental importância sobre as limitações de critérios meramente lexicais, como a léxico-estatística, no estabelecimento de relações genéticas, sobretudo quando as línguas apresentam várias semelhanças entre si. Para Rodrigues (1964:101) “Isto se dá principalmente com relação aos dialetos, onde os aspectos fonológicos, morfológicos e outras características linguísticas também devem ser levados em conta”.

Rodrigues (1964:103), amparado no método léxico-estático utilizado, argumenta contra a divisão da família Tupí-Guaraní em dois grupos principais, “como o querem algumas classificações, em que um deles é subordinado ao Tupinambá e o outro ao Guaraní.” Salienta que a relação entre o Tupinambá ou TupíAntigo e o Guaraní Antigo é a de dialetos muito próximos (90% de cognatos), mas não a de “línguas”, idéia que abandona posteriormente. Ressalta que “Tembé, Guajajára e demais dialetos do mesmo grupo (A. a. 2.) não podem ser considerados como derivados diretamente do Tupinambá, embora tenham parentesco muito próximo com o Tupinambá e o Nheengatú.”

É nesse mesmo estudo (1964) que Rodrigues aventa a hipótese da região do Guaporé ser a referência geográfica do centro de difusão do Proto-Tupí:

Digno de nota é o fato de quase todas as famílias linguísticas do tronco Tupí até agora reconhecidas se concentrarem na região do Guaporé, isto é, do Alto Madeira, particularmente entre os rios Guaporé e Ji-paraná (ou Machado). As famílias Arikêm, Kanoé, Mondé, Ramarâma e Purruborá encontram-se exclusivamente nessa região, e também a família Tupí-Guaraní acha-se ali bem representada (pelas línguas registradas em A. a. 4.). Este fato sugere que talvez o centro de difusão do Proto-Tupí deva ser procurado na área do Guaporé.(Rodrigues 1964:103).

A importância desse estudo de Rodrigues para a história da linguística histórica do agrupamento genético Tupí está também no fato de que é nele que Rodrigues propõe pela primeira vez uma idade tem-

poral para o Proto-Tupí e para o Proto Tupí-Guaraní, 5000 anos para o primeiro e 2500 para o segundo. Faz-se mister salientar que essas idades temporais resultam do número de cognatos compartilhados entre famílias, consoante a Glotocronologia proposta por Morris Swadesh (1952) (11% de cognatos aproximadamente) e entre línguas de uma mesma família (cerca de 35% de cognatos).

Em 1966, Rodrigues publica o artigo *Classificação da Língua dos Cinta-Larga*. Além de demonstrar a inclusão dessa língua na família Mondé, Rodrigues (1966:29-30) apresenta uma série de morfemas do Cinta-Larga cotejados com as formas correspondentes do Tupinambá (família Tupí-Guaraní) e com as formas reconstruídas do Proto-Tupí, que aqui reproduzimos pela importância que têm os itens reconstruídos para o Proto-Tupí:

Cinta-Larga	Tupinambá	Proto-Tupí
<i>pak</i> acordar	<i>pak</i>	* <i>pak</i>
<i>pav</i> morrer	<i>pab</i>	* <i>pab</i>
<i>pe</i> caminho	<i>pe</i>	* <i>pe</i>
<i>pi</i> pé	<i>pĩ</i>	* <i>pĩ</i>
<i>pati</i> pesado	<i>posiy</i>	* <i>potsiy</i>
<i>pa-pe</i> mão (mão-superfície)	<i>po</i> mão	* <i>po</i>
<i>pa-pe</i> mão (mão-superfície)	<i>po</i> mão	* <i>po</i>
<i>pa-pe</i> mão (mão-superfície)	<i>pe</i> superfície	* <i>pe</i>
<i>pay</i> cobra	<i>moy</i>	* <i>mpoy</i>
<i>api, ami</i> nariz	<i>apiny</i>	* <i>ãpiy</i>
<i>nin</i> fumaça	<i>tiŋ</i>	* <i>tiŋ</i>
<i>ka</i> roça	<i>ko</i>	* <i>ko</i>
<i>kar</i> sol	<i>kwar</i>	* <i>kwar</i>
<i>ker</i> dormir	<i>ker</i>	* <i>c'er</i>
<i>ip</i> pau	<i>?ib</i>	* <i>k'ib</i>
<i>ar</i> cair	<i>?ar</i>	* <i>k'ar</i>
<i>evir</i> mel	<i>eir</i>	* <i>ewiir</i>
<i>ini</i> - rede	<i>inin</i>	* <i>ēri</i>
<i>djay,</i>	<i>ñiñ</i> dente	<i>āy</i> *(y)āy
<i>-ati</i> - dor	<i>asi</i> doído	* <i>atsi:</i>

Nesse artigo, Rodrigues também chama atenção para a necessidade de se distinguir empréstimo lexical de reais cognatos, ao tratar da palavra para “banana” em Cinta-Larga *pakop-*, no Mondé *bakup-ia* e no o Digüt *bakov-a*, as quais, como mostra Rodrigues, correspondem ao Tupinambá *pakob*, mas que não se devem a uma origem comum Proto-Tupí. Para Rodrigues (1966), determinar se este é um caso de empréstimo ou de origem comum Proto-Tupí decorre da difusão da “banana”, de grande importância tanto para o linguista como para o etnólogo, embora reconheça que não havia, até aquele momento, elementos suficientes para a apreciação linguística do problema.

Uma década depois da publicação da *Classificação da língua dos Cinta Larga*, Rodrigues volta a publicar seus estudos histórico-comparativos sobre o Tronco-Tupí. Em 1976, publica *A língua dos Índios Xetá como Dialeto Guaraní*, no qual divulga os primeiros resultados de suas pesquisas junto aos índios Xetá, realizadas em 1960, 1962 e 1967. Nesse estudo, reforça a origem Tupí-Guaraní do Xetá primeiramente demonstrada por Guérios (1959) e descarta a hipótese de uma origem mista ou fortemente influenciada por idioma estranho, não Tupí-Guaraní. Seu estudo se baseia em dados de primeira mão, todos analisados em campo e meticulosamente organizados em fichas lexicográficas e etnográficas, com o esmero que sempre dedicou a todas as suas anotações. A comparação sistemática que realiza da língua Xetá com as demais línguas da família Tupí-Guaraní conhecidas até aquela época, demonstra que o seu léxico e fonologia são deriváveis mais imediatamente do grupo dialetal Guaraní, que de qualquer dos outros ramos da família. Algumas das correspondências que fundamentam a inclusão do Xetá no grupo dialetal Guaraní são:

‘*mopi* morcego corresponde ao g. *mo’pi*, que se distingue do tupinambá e outras línguas tupí-guaraní *ani’ra*; ‘*keče* ter medo, corresponde ao g. *kihí’ye*, uma metátese de **chí’ye*, em tupinambá *sikí’ye*, guarayo *chí’ye*, sirionó *sikiče*; *ka’pěŃ’kã* irmã mais moça da mulher corresponde ao g. *kípí’Ń*, que difere por metátese do tupinambá *pikí’Ń*. Correspondendo ao tupinambá *s*, sirionó *s*, guarayo *c*. o guaraní antigo tem ora *c*, ora *h*, e o guaraní moderno do Paraná (*mbã*), paralelamente, ora *č*, ora *Ń*; o xetá da Serra dos Dourados acompanha essa distribuição, com *č* e *Ń*: *pi’o* vocês vão, em g. ant. *pe’ho*, g. *Pná. pe’o*, tupinambá *pe’so*; ‘*poi* pesado, g. ant. *po’hiy*, g. *Pná. po’iy*, t. *po’siy*; mas, *ča* corda, g. ant. *cã*, g. *Pná. ča*, t. sam; *čo* morder, g. ant. *cu’Ńu*, g. *Pná. ču’Ńu*, t. *su’Ńu*; ‘*raiča* frio, g. ant. *ro’Ńca*, g. *Pná. ro’Ńca*; t. *ro’Ńsanj*. (Rodrigues 1978:9)

Em 1980, Rodrigues apresenta a primeira demonstração linguística de parentesco, no estudo *Tupinambá e Mundurukú: Evidências Fonológicas e Lexicais de Parentesco Genético*, e em 1983 reúne evidências de uma mudança do Tupí-Guaraní $*P_w > K_w$, uma mudança que se fará significativa no seu estudo *Relações Internas Na Família Linguística Tupi-Guarani* (1985).

Este último estudo representa um marco nos estudos Tupí por apresentar pela primeira vez um modelo de diversificação arbórea para uma família do tronco Tupí, fundamentado em sólidos critérios fonológicos, lexicais e gramaticais:

(a) Prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: *a-* “eu”, *ere-* “você”, *ja-* “eu e você”, *oro-* “eu e ele”, *pe-* “você e ele”, *o-* “ele, eles” (também “eu, você e ele”).

(b) Pronomes pessoais exprimindo possuidor, sujeito de verbos descritivos e objeto direto, assim como sujeito de verbos intransitivos em orações dependentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: (*i*) *txé* “eu”, (*e*) *né* “você”, *jané* “eu e você”, *oré* “eu e ele”, *pe* (ẽ) “você e ele” (também *atxé* “eu, você e ele”).

(c) Prefixos relacionais incluindo *r-*, que assinala que o determinante da palavra prefixada é a palavra que a precede imediatamente, aplicável a uma classe de palavras que inclui “olho”, “rosto”, “lábio inferior”, “sangue”, “corpo”, “folha”, “casa”, “nome”; p. ex., Tupinambá *payé r-esá* “olho do pajé”, *xe r-esá* “meu olho”.

(d) O fonema *j* (ou equivalente álveo-palatais ou alveolares; *tx*, *dj*, *ñ*, *z*) em palavras como *jatxý* “lua”, *jakú* “jacu”, *jý* “machado”, *jurú* “boca”, *ajurú* “papagaio”, *já'ẽ* “vasilha de barro”, *kujã* “mulher”, *júb* “amarelo”, *pajé* “xamã”, *peju* “soprar”.

(e) O fonema *tx* (ou *ts*, *s*, *h* ou zero) em palavras como *txý* “mãe”, *txók* “larva”, *-txu'u* “morder, mastigar”, *-watxú*, *-utxú* “grande”, *-ubitxáb* “grande, importante, chefe”, *txám* “corda”, *-etxá* “olho”, *txo'o* “animal de caça”.

(f) O fonema *ts* (ou *s*, *h*, ou zero) em palavras como *tsó* “ir”, *tsetá* “são muitos”, *otsenúb* “ele o ouve”, *pytsatsú* “novo”, *potsáng* “remédio”, *pytsyk* “pegar”, *pytsá-* “noite”.

(g) As palavras *itá* “pedra” e *eír* “mel, abelha” com *i* (e não *wi*, *im kwi* ou *ky*).

(h) Vocabulário básico incluindo formas deriváveis fonologicamente de: *jatxý* “lua”, *ybák* “céu”, *-atá* “fogo”, *jepe’áb* “lenha”, *ybyrá* “pau”, *-apó* “raiz”, *ka’á* “mato”, *-etxá* “olho”, *tĩ* “nariz, bico”, *jurú* “boca”, *nmí* “orelha”, *jybá* “braço”, *poti’á* “peito”, *-etymã* “(canela da) perna”, *-o’ó* “carne”, *abá* “pessoa, quem?”, *ma’é* “coisa, que?”, *pirá* “peixe”, *wyrá* “ave”, *kuyã* “mulher”, *pukú* “comprido”, *poráng* “bonito”, *-oby* “verde/azul”, *péb* “baixo, chato, plano”, *mokõy* “dois”, *manõ* “morrer”, *me’éng* “dar”, *je’éng* “falar”, *apó* “fazer”, *atá* “andar”, *-epják* “ver”, *ma’ẽ* “olhar”.

(i) A palavra *petým* (e não *pé*) “fumo, tabaco” (literalmente “tabaco plantado”). (Rodrigues 1985:35-36).

Com base nesses critérios, Rodrigues subdivide as línguas da família em oito subgrupos, e a consistência de sua divisão se fortalece à medida que o tempo passa e que novos testes são feitos com línguas desconhecidas até recentemente.

Relações Internas na Família Linguística Tupí-Guaraní é também um marco nos estudos Tupí por apresentar uma nova versão da hipótese de Rodrigues de um tronco Tupí, que passa a ser constituído de 10 famílias linguísticas. Rodrigues (1985:35) observa a esse respeito:

Até agora tanto o Awetí quanto o Mawé vinham sendo incluídos na família Tupí-Guaraní (Rodrigues 1958a, b, 1971). O melhor conhecimento de ambos (para o Awetí v. Emmerich e Monserrat 1972, Monserrat 1976; para o Mawé vários manuscritos de A. e S. Graham, Summer Institute of Linguistics, Brasília), deixa claro, entretanto, que são tão aberrantes, cada um a sua maneira, em relação a todas as outras línguas incluídas naquela família, que sua associação com elas deve ser procurada num outro plano. Sua exclusão da família Tupí-Guaraní permite ter nesta um conjunto consideravelmente homogêneo de línguas, cuja comparação em detalhe pode ser realizada mais abrangentemente em todos os aspectos da estrutura linguística, o que por sua vez permite empreender a reconstrução da respectiva protolíngua a partir de uma base mais sólida.

Rodrigues também apresenta nesse estudo sua hipótese de um subagrupamento Tupí, Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní. Para ele (1985:35),

“a inegável maior afinidade que o Awetí e o Mawé mostram com o Tupí-Guaraní deve levar à postulação de (pelo menos) uma proto-língua intermediária entre o Proto-Tupí e o Proto-Tupí-Guaraní”, embora reconheça semelhanças entre elas resultantes de contato entre seus falantes, no caso do Mawé, com a língua Geral Amazônica e no caso do Awetí com o Kamayurá.

Ainda nesse estudo, Rodrigues (1985:43-44) levanta a hipótese de que o Kokáma poderia tratar-se de mais um caso de língua Tupí-Guaraní adotada por um povo não Tupí. Rodrigues observa que o Kokáma tem diferentes pronomes pessoais segundo o sexo do falante, e que, em dois casos, o pronome dos homens é não Tupí, enquanto os das mulheres se correlacionam ao Proto-Tupí-Guaraní (e, portanto, com o Tupinambá): “eu ♂” é *ta* (não Tupí), mas “eu ♀” é *étse* (PTG **itsé*, Tupinambá *isê*); “ele/ela ♂” é *úri* (não Tupí), mas “ele/ela ♀” é *ái* (PTG **a'é*, Tupinambá *a'é* esse de que você fala”). Os pronomes referentes ao interlocutor têm uma só forma para os dois sexos, e essa é Tupí-Guaraní: “você” é *ene* (Tupinambá *enê*), “nós inclusivo (eu e você)” é *ini* (Tupinambá *yané*), “vocês” é *epe* (Tupinambá *pé, pe'ê*). Para “nós exclusivo” há também duas formas, mas nenhuma delas é de origem Tupí: *tánu* ♂, *pénu* ♀, em contraste com PTG **oré*, Tupinambá *oré*.

Em 2000, publica um trabalho de importância fundamental para o modelo de diversificação interna da família Tupí-Guaraní, *Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní*.

Em seu livro *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas* (1986)¹¹, Rodrigues objetiva principalmente divulgar a existência das línguas indígenas do Brasil e ensinar sobre as relações que se vão descobrindo entre elas. Este livro resume a importante trajetória de Aryon Dall'Igna Rodrigues na história da linguística Histórica das línguas Brasileiras, até a década de 1980, fundamentalmente no que se refere ao tronco linguístico Tupí. O livro reflete o seu avançado conhecimento da linguística histórica do tronco Tupí, das correspondências sonoras entre línguas de famílias distintas e das mudanças que sofreram

11. Reunião de uma série de artigos publicados em 1982, 1983 e 1984 no jornal mensal Porantim, órgão informativo e crítico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

durante a sua diversificação em famílias independentes, como ilustrado no pequeno trecho do seu livro, que reproduzimos, em seguida:

Mais importante que a semelhança entre palavras para o mesmo conceito em diferentes línguas, como prova de origem comum, é a regularidade nas correspondências de sons. Note-se como, em Karitiâna, a vogal *o* das demais línguas corresponde sistematicamente a vogal *y* (em 1, 4, 7 e 9); à vogal *e* das outras, corresponde em Karitiâna a vogal *a* (3, 5, 8 e 9); à vogal *y* do Tupinambá e do Awetí corresponde a vogal *i*, não só no Karitiâna, mas também no Mundurukú, no Tuparí e no Gavião (2, 6, 7 e 10; mas o Karitiâna e o Tuparí têm *e* e *y*, respectivamente, depois de consoante posterior, como em 10). O Gavião tem a consoante *t* no fim das palavras que nas outras línguas apresentam *n* (4, 5 e 8). O leitor pode facilmente identificar outras correspondências sistemáticas entre cada par de línguas comparadas. (Rodrigues 1986, p 44).

3. A reconstrução do Proto-Tupí : Aryon Dall’Igna Rodrigues (1990-2012)

Rodrigues parece pausar em uma década os seus estudos histórico-comparativos Tupí, mas continua trabalhando, agora centrado na reconstrução linguística do Proto-Tupí.

Em 1997, em coautoria com Wolf Dietrich, refina a sua hipótese de conexões genéticas estreitas entre Mawé e o Tupí-Guaraní e o Awetí. Propõem (1997: 265), que essas famílias, em momento anterior, tenham formado um agrupamento Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní, junto com o Proto-Mundurukú, o Proto-Tuparí e as demais famílias Tupí, tendo o Mawé, posteriormente, se tornado independente do Awetí-Tupí-Guaraní.

A década de 1990 foi para Rodrigues dedicada principalmente a estudos reconstrutivos, Tanto Tupí quanto Macro-Jê. Em 1998 publica *Dois exercícios de etimologia Tupí: ‘esposa’ e ‘boca’*, e, em 2005, apresenta evidências linguísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia. Em seu estudo *Agricultura Tupí pré-histórica na Amazônia* (2007b:94), observa que:

Com base no estudo comparativo do léxico e da fonologia das línguas do tronco Tupí que tem sido desenvolvido ultimamente, apresento reconstruções de itens lexicais referentes a plantas cultivadas (como

mandioca, batata doce, cará, abóbora) e semicultivadas (como caba-ceira, timbó, castanheira) e a algumas práticas e instrumentos culturais direta ou indiretamente relacionadas com a agricultura (roça, pau de cavar, machado, casa, aldeia). A reconstrução das formas fonológicas aproximadas e dos conteúdos semânticos desses itens lexicais implica a admissão do conhecimento e da prática da agricultura por parte dos falantes de Proto-Tupí. Assim, a menos que se demonstre ser exagerada a estimativa de uma antigüidade de perto de 5.000 anos para a fase ainda unitária do tronco Tupí, o estudo lingüístico nos dá importante informação sobre o desenvolvimento da agricultura na Amazônia, mais particularmente, no presente caso, na bacia do rio Madeira. Também a presença da cerâmica, cuja existência se subordina em geral à presença da agricultura, é acusada no léxico reconstruído para o Proto-Tupí. Outras práticas culturais igualmente atestadas por este estudo comparativo são a tecelagem de redes de dormir e o trançado de cestos, ambos de difícil comprovação pela pesquisa arqueológica na paisagem úmida da Amazônia.

Em 2010, amplia esses estudos com a publicação de *Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture*.

Na última década de sua vida, dedicou-se à reconstrução da fonologia e gramática do Proto-Tupí. Reconstroí as vogais do Proto-Tupí em Rodrigues (2005) e as consoantes do Proto-Tupí em Rodrigues (2007). Em 2002, em parceria com Cabral, publica *Reverendo a Classificação interna da Família Tupí-Guaraní*. Nessa revisão da classificação de Rodrigues (1985), Rodrigues e Cabral classificam novas línguas, cujos falantes haviam sido contatados na década de 1980, acrescentam critérios morfossintáticos aos critérios da classificação de Rodrigues (1985), excluem algumas línguas do modelo genético de família Tupí-Guaraní (o Kokáma, o Omágwa e o Kokamilla), e reclassificam línguas em outros sub-ramos. Em parceria com Cabral, publica em 2005 *O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní*, e em associação com Cabral e Corrêa-da-Silva, publica em 2006, *Evidências lingüísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto **mi- em Proto-Tupí* (2006). No mesmo ano, publica com Cabral *Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes no tronco lingüístico Tupí*.

Para além dos estudos de reconstrução do tronco Tupí e de parte de suas famílias, Rodrigues demonstra a existência de fortes evidências

de um agrupamento genético Tupí-Karíb em *Evidence for Tupi-Carib Relationships* (1985). Nesse estudo propôs também uma hipótese de relações genéticas entre Macro-Jê-Tupí-Karíb.¹² Entretanto, enquanto concebia o seu tronco Tupí, como agrupamento consolidado, sua hipótese de agrupamento Macro-Jê era visto por ele como “hipótese em andamento”.

Seus últimos estudos foram dedicados ao tronco linguístico Tupí. Publicou em parceria com Cabral o capítulo *Tupian* no livro *The Indigenous Languages of South America*, editado por Lyle Campbell e Verônica Grondona (2012). Trata-se da primeira reconstrução aprofundada da fonologia e de aspectos gramaticais fundamentais do Proto-Tupí. No início de 2014, três meses antes de seu falecimento, publica, em parceria com Cabral, a bibliografia comentada *Tupí*, pela Oxford Bibliographies Online: Linguistics (2014).

Algumas considerações finais

Aryon Dall’Igna Rodrigues foi, sem sombra de dúvidas, o linguista das línguas indígenas brasileiras. Mansur Guérios soube realmente apreciar as qualidades do jovem ginasiano e sua previsão se concretizou, Aryon Dall’Igna Rodrigues tornara-se um grande americanista. Como primeiro Ph.D. em linguística no Brasil, formado em Hamburg,

12. Rodrigues (2008:3301) comenta sobre suas hipóteses genéticas de alta profundidade temporal:

“Uma hipótese formulada por nós há cerca de trinta anos (Rodrigues 1985, 2003) relacionava geneticamente a família Karíb com o tronco Tupí e mostrava a possibilidade de relação da mesma natureza entre o Tupí e o Macro-Jê, mas não combinava com hipóteses apresentadas anteriormente por Čestmír Loukotka e por Joseph Greenberg. Em dezembro de 2005 foi publicado o resultado de pesquisa genética biológica com o DNA de povos das famílias de línguas consideradas nas três hipóteses linguísticas, com a conclusão de que destas a hipótese que relaciona Tupí, Jê e Karíb (a de Rodrigues) é a mais compatível com o resultado da investigação biológica (Salzano *et al.* 2005). Esta conclusão é de grande importância científica por mostrar como a confluência de resultados da pesquisa linguística diacrônica com os da pesquisa genética pode contribuir para esclarecer relações pré-históricas de populações humanas. No que se refere às diferenças entre as três hipóteses linguísticas, cumpre observar que só a de Rodrigues foi construída com observância do método da linguística histórico-comparativa, distinguindo qualitativamente os elementos lexicais comparados e identificando a regularidade das correspondências fonológicas, de modo a excluir semelhanças aleatórias ou devidas a empréstimos mais ou menos recentes.”

Alemanha, onde a tradição dos estudos histórico-comparativos se mantinha viva, e já tendo tido uma formação na sua adolescência com o primeiro brasileiro linguista histórico dedicado às línguas nativas, sua trajetória dificilmente seria diferente.

Aryon Dall'Igna Rodrigues foi o pai da linguística histórica das línguas indígenas. Ao refletir sobre as tarefas da Linguística no Brasil, considerou o estudo e a documentação linguística das línguas indígenas do nosso país dever fundamental. Conduziu os estudos classificatórios dessas línguas pelo caminho seguro da verdadeira linguística histórica, cujos métodos e teorias ele tão bem entendia e dominava. Em cenário em que dominavam ideias geradas no exterior, foi linguista genuinamente brasileiro, procurou entender de nossas línguas nativas, com olhar cognitivo, o que elas realmente falam. Rigoroso, cientista de primeira linha, disseminou ensinamentos, ensejou debates, estimulou discussão, plantou sementes e deixou frutos que continuarão se perpetuando e iluminando a construção do conhecimento sobre as línguas indígenas do Brasil, a ciência linguística, a nossa pré-história e a história dos povos que as falam.

Recebido em julho de 2014
Aprovado em agosto de 2014
E-mails: asacczoe@gmail.com
AnderbioMartins@ufgd.edu.br
beacarretacs@gmail.com
sandersoncs@gmail.com

Referências bibliográficas

- ADAM, L. 1896. *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des langues de la famille Tupi*. Paris: Maisonneuve.
- BRINTON, D. G. 1981. *The American Race: A Linguistic Classification and Ethnographic Description of the Native Tribes of North and South America*. New York: N.D.C. Hodges Publisher.
- LOUKOTKA, Ľestmír. 1944. *Klassifikation der südamerikanischen Sprachen*, *Zeitschrift für Ethnologie* 74.1-69.
- _____. 1968. *Classification of South American Indian Languages*". In: WILBERT, Johannes. *Reference Series vol 7*. Reviewed by Robert L

- Carneiro in *American Anthropologist* Volume 72, Issue 3, 1970 (Los Angeles: Latin American Center, University of California).
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. 1937. *Pontos de Método da Fonética Histórica*. Curitiba.
- _____. 1939. O nexó lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas: *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, 2.61-74. Curitiba.
- _____. 1959. A posição lingüística do xetá. Curitiba: *Letras* 10:92-114.
- MARTIUS, C. F. Ph. von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. 2 vols. Leipzig: Friedrich Fleischer.
- MASON, Alden. 1950. The languages of South American Indians, *Handbook of South American Indians*, 6.157-317, Washington.
- MORRIS SWADESH. 1955. Towards a satisfactory genetic classification of Amerindian languages. In: *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, p. 1001-1012.
- _____. 1952. Amerindian non-cultural vocabularies (mimeographed sheet). Cf. M. SWADESH, *Lexico-statistic dating of prehistoric ethnic contacts. Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 96:452-463.
- MCQUOWN, Norman. 1955. The indigenous languages of Latin America, *JAA* 57.501-570.
- NIMUENDAJU, Curt. 1948a. Tribes of the lower and middle Xingú river. *Handbook of South American Indians* 3.213-243. Washington.
- RODRIGUES, Aryan Dall'Igna. Diferenças entre as línguas Tupi e Guaraní. Curitiba: *Ginásio Paraense-Externato*, p. 7-940.
- _____. 1942. O artigo definido e os numerais na língua Kirirí: Vocabulários Português-Kirirí e Kirirí-Português. Curitiba: *Arquivos do Museu Paranaense*, v. 2:179-212.
- _____. 1944. Um Aspecto da Evolução Fonética na Família Tupi-Guaraní. Rio de Janeiro: *Revista Filológica*, v. 29:74-77.
- _____. 1945. Diferenças Fonéticas entre o Tupi e o Guaraní. Curitiba: *Arquivos do Museu Paranaense*, v. 4:333-354.
- _____. 1947. A Categoria de Voz Em Tupi. Curitiba: *Logos*, v. 6:50-53.
- _____. 1948. Notas Sobre O Sistema de Parentesco dos Índios Kiriri. São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, v. 2:193-205.
- _____. 1950. A nomenclatura na família Tupi-Guaraní. *Boletim de Filologia*, Montevideo, v. 43:98-104.
- _____. 1951a. Esboço de uma introdução ao estudo da língua Tupi. *Logos*, v. 13:43-58.
- _____. 1951b. A Composição em Tupi. *Logos*, v. 14:63-70.

- _____. 1952. Análise morfológica de um texto Tupí. *Logos*, v. 15:56-77.
- _____. 1953a. Morfologia do verbo Tupí. *Letras* 1:121-52. Curitiba.
- _____. 1953b. Sobrevivencia Lingüística Tupi No ‘Caiapo Paulista’. *Folclore*, v. 2, n.1:5-9.
- _____. 1955a. Morphologische Erscheinungen einer Indianersprache. *Münchener-Stúdien zur Sprachwissenschaft* 7:79-88. (Tupinambá).
- _____. 1955b. As línguas “impuras” da família Tupi-Guarani. In *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas* (ogs. por H. Baldus), pp. 1055-1071. São Paulo.
- _____. 1958a. Die Klassifikation des Tupí-Sprachstammes. In *Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists*, Copenhagen 8-14 August 1956, pp. 679-84. Copenhagen: Munskgaard. (Tradução: Classificação do tronco linguístico Tupí. *Revista de Antropologia* 12:99-104. 1964).
- _____. 1958b. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics* 24:231-234. Baltimore.
- _____. 1959. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Tese de doutorado. Universidade de Hamburgo. (Tupinambá).
- _____. 1964. Classificação do tronco lingüístico Tupi. *Revista de Antropologia* 12:99-104. São Paulo 46.
- _____. 1966. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia* 14:27.
- _____. 1979. A Língua dos índios Xetá como dialeto Guaraní. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 28, n.7: 696-697.
- _____. 1976. Rodrigues, A. D. . Relações Históricas Entre os Grupos Linguísticos Tupí e Karíb. *Ciencia e Cultura*, v. 28, n.7: 696-697.
- _____. 1980. Tupinambá e Mundurukú: evidências fonológicas e lexicais de parentesco genético. *Estudos Lingüísticos* 3:194-209. Araraquara: GEL.
- _____. 1985a. Relações internas na família Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27:33-53. São Paulo.
- _____. 1985b. *Evidence For Tupi-Carib Relationships*. In: Harriet M. Klein; Luisa R. Stark. (Org.). *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. 1ed. Austin: University of Texas Press, p. 371-404.
- _____. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- _____. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4:6-18. Brasília.
- _____. 2000a. Ge-Pano-Carib x Jê-Tupí-Karíb: sobre relaciones prehistóricas en Sudamérica. Em: *Actas del I Congreso de Lenguas*

- Indígenas de Sudamérica* (org. por L. Miranda), 1, pp. 95-105. Lima: Universidad Ricardo Palma.
- _____. 2000b. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní. Em: *Atas do II Congresso Internacional da ABRALIN*. CD-ROM. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- _____. 2002. Correspondências lexicais e fonológicas entre Tupi-Guaraní e Tuparí. In: CABRAL, A. S. A. C., e A. D. RODRIGUES (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, tomo I, p. 288-297. Belém: EDUFPA.
- _____. 2005a. As vogais orais do Proto-Tupí. In: Rodrigues, A. D.; Cabral, A. S. A. C. (orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora UnB, pp. 35-46.
- _____. 2005b. Evidências lingüísticas da antigüidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia. *Revista de Estudos e Pesquisas* 2.2:89-97. Brasília.
- _____. 2007a. Tupi languages in Rondônia and in Eastern Bolívia. In: Wetzels, Leo (ed.), *Language endangerment and endangered languages. Linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area*. Indigenous Languages of Latin America 5. Leiden: CNWS Publications, 2007a, p. 355-363.
- _____. 2007b. As consoantes do Proto-Tupí. In: Cabral, A. S. A. C.; Rodrigues, A. D. (orgs.), *Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú; Brasília: LALI, p. 167-203.
- _____. 2008. A lingüística indígena no Brasil no século XVI e no século XX. In *Entrelaços entre textos: miscelânea em homenagem a Evanild Bechara*. 1 ed. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, v.1, p. 289-308.
- RODRIGUES, A. D.; Hanke, W.; Swadesh, M. 1958. Notas de Fonologia Mekéns. *Miscelanea Paul Rivet Octogenario Dicata*, v. 2, p. 187-217. México.
- RODRIGUES, A D.; W. Dietrich. 1997. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. *Diachronica* 22:265-304. Amsterdam.
- _____. 2010. Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture. In: Eithne B. Carlin; Simon van der Kerke. (Org.). *Linguistics and archaeology in the Americas: the historization of language and society*. 1ed. Leiden, The Netherlands: Brill, v. 2:1-10.
- RODRIGUES, Aryon Dall' Igna; CABRAL, A. S. A. C 2002. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: Cabral, Ana

- Suely A. C. ; Aryon Dall'Igna Rodrigues. (Org.). *Linguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. 1ed. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 327-337.
- _____. 2012. Tupían. In: Lyle Campbell and Verónica Grondona. (Org.). *The Indigenous Languages of South America*. 1ed. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, v. 2: 495-574.
- _____. 2014. Tupian Languages. In: Cabral, Ana Suely A. C. ; Aryon Dall'Igna Rodrigues. (Org.). *Tupian*. 1ed. Oxford: Oxford University Press, v. 1: 1-39.2.
- RIVET, Paul. 1924. *Langues Américaines III: Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles*. In Antoine Meillet and Marcel Cohen (ed.), *Les Langues du Monde*, v. 16:639-712. Collection Linguistique.
- SALZANO, F. M., et al. 2005. Genetic support for proposed patterns of relationship among lowland South American languages. *Current Anthropology* 46, Supplement, S121-129.
- STEINEN, K. v. d. 1894. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin: Dietrich Reimer.